

PSICOLOGIA EDUCACIONAL E CINEMA: A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO POR INTERMÉDIO DA SÉTIMA ARTE

André Rafael Jung Starepravo¹

Letícia Marie Panassolo Hoffmann²

Renato Marques Cordeiro³

Victoria Vaz Porfirio⁴

Marcos Alan Viana⁵

RESUMO

Pela sua relevância cultural e grande apelo popular na juventude, o cinema se apresenta como uma ferramenta de intervenção bastante rica para a psicologia educacional. Nesta perspectiva, foi realizada uma pesquisa interventiva com o objetivo de investigar os potenciais benefícios do cinema no desenvolvimento psicológico do adolescente, considerando aspectos educativos e terapêuticos. Na intervenção, foram realizados 4 encontros com um grupo de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública. Foram exibidos e debatidos três filmes com temáticas relevantes para a faixa etária. Os dados foram registrados em diário de campo e analisados de acordo com a análise de conteúdo categorial. Os resultados evidenciaram fatores importantes como: motivação dos adolescentes na jornada cinematográfica, uma vez que demonstraram curiosidade e interesse pelas obras exibidas; experiência grupal significativa, com espaço para concordâncias e divergências; engajamento no debate de forma leve, ainda que algumas temáticas tratadas tenham sido mais sensíveis, com questionamentos e comentários espontâneos; identificação com personagens das obras fílmicas, seja como modelos a serem seguidos ou em função dos seus dramas atuais; percepção de relação entre ficção e realidade, fazendo paralelos

¹ Aluno do 5º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023-2024). *E-mail*: andre.jung@mail.fae.edu

² Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023-2024). *E-mail*: leticia.hoffmann@mail.fae.edu

³ Aluno do 5º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntário do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023-2024). *E-mail*: cordeiro.renato@mail.fae.edu

⁴ Aluna do 5º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023-2024). *E-mail*: victoria.porfirio@mail.fae.edu

⁵ Orientador da Pesquisa. Doutor em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: marcos.viana@fae.edu

entre a narrativa e a própria vida pessoal; insights sobre questões psicológicas individuais e familiares; ampliação da consciência social. Assim, corroborando com estudos anteriores, o projeto revelou que o cinema é capaz de motivar os estudantes e fomentar reflexões subjetivas e sociais significativas. Tal constatação sugere a importância de estimular projetos envolvendo a sétima arte como recurso terapêutico e educativo direcionados aos adolescentes.

Palavras-chave: Psicologia. Cinema. Adolescência. Desenvolvimento Humano.

INTRODUÇÃO

Nos séculos XX e XXI verificou-se o desenvolvimento do cinema enquanto uma das formas de arte mais amplamente difundidas da história. A essa intensa popularização, acrescenta-se o fato do cinema ter se constituído como uma arte complexa, permeada por múltiplas possibilidades de comunicação que atuam no sentido de conectar o espectador com realidades distintas e transportá-lo para além dos limites do cotidiano.

Dessarte, um filme permite que o espectador se identifique com um personagem e realize, de forma segura, uma aventura que implique aprendizagem e elaboração emocional (França, 2007). Personagens distintas podem representar aspectos diferentes de personalidade ou fornecer insights sobre a relação com o outro, a partir da representação de características que denotam afinidade ou repulsa afetiva e social.

Para Deleuze (2018) o cinema impacta o sujeito com múltiplas linguagens, envolvendo a percepção, a ação, o pensamento e o afeto, sendo assim um poderoso mecanismo de subjetivação. Esse “poder” de comunicação e influência estética é exercido graças aos elementos técnicos que o constituem: enquadramento, som, construção de personagens, roteiro, efeitos (câmera lenta, close...), diálogo, etc.

Todavia, existem também alguns fatores críticos a serem considerados. Há, por exemplo, a forte influência cultural que subjaz no predomínio do cinema norte-americano, que muitas vezes é um veículo de entorpecimento e massificação, impondo e naturalizando valores individualistas e consumistas. Além disso, é evidente que a arte cinematográfica nem sempre será “fiel” ou “profunda”, podendo mesmo contribuir para construir ou reforçar uma visão distorcida ou estereotipada de realidades complexas.

Não obstante, mesmo com suas limitações, não há dúvida de que a arte cinematográfica consegue muitas vezes se comunicar mais com o sujeito do que a ciência (Bueno; Zanella, 2022), uma vez que as imagens não estão presas ao jargão acadêmico, sendo permeadas por metáforas afetivas que dialogam com os indivíduos de maneira mais íntima e profunda.

Nesse cenário, toma-se para análise a importância da psicologia, na sua condição de ciência e profissão de grande complexidade, configurada pela presença de diversas abordagens teóricas e subdividida em áreas de atuação. Dentre essas áreas (clínica, organizacional, jurídica, hospitalar, etc.) a psicologia escolar/educacional destaca-se como uma das especialidades mais importantes do psicólogo na realidade contemporânea, uma vez que enfrentamos uma crescente demanda de prevenção e resolução de questões comportamentais e sociais nas instituições educativas (Francischini; Viana, 2016).

A psicologia educacional tem o objetivo de contribuir com o desenvolvimento cognitivo, humano e social nos diversos contextos educacionais (Cassins et al., 2007). Para o cumprimento desta tarefa, essa área de atuação sofreu transformações importantes ao longo das últimas décadas, na perspectiva de transcender a abordagem clínica focada unicamente no indivíduo e direcionar seus esforços para uma visão mais ampla e contextualizada dos processos educacionais. Ao privilegiar uma perspectiva histórico-cultural e sistêmica, considera-se a escola como um espaço dinâmico e multifacetado, na qual as interações sociais, o diálogo e a construção coletiva de conhecimento são de grande relevância. Assim, a escola não se limita à simples transmissão de informações, mas se configura como um ambiente rico em experiências culturais e sociais, permitindo aos alunos explorar diversas formas de expressão artística e cultural.

Nesse contexto, as intervenções artísticas desempenham um papel fundamental ao oferecer oportunidades para os alunos explorarem questões sociais, históricas e emocionais de maneira criativa e significativa. Inspirada pela pedagogia de Paulo Freire, que enfatiza a necessidade de uma educação que vá além da mera transmissão de conhecimentos, a psicologia educacional destaca a importância da arte como ferramentas para promover a reflexão crítica, o questionamento e a construção de conhecimento a partir das próprias experiências e contextos culturais dos alunos. Ao reconhecer e valorizar a instituição escolar como um espaço de expressão e criatividade, a psicologia educacional promove práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas, que estimulam a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento e na transformação de suas realidades.

A psicologia educacional, portanto, constitui-se como uma espécie de lente capaz de estimular novos olhares e perspectivas críticas sobre os diversos fenômenos que cercam o universo educacional (Bzuneck, 1999). Neste sentido, o cinema se apresenta como um instrumento que multiplica o poder desta lente, ampliando o olhar para além do cotidiano.

Por sua linguagem dinâmica e de fácil compreensão, a arte cinematográfica é considerada uma forma prazerosa de mediar situações de ensino, particularmente no período da adolescência, no qual é possível identificar grande interesse por material audiovisual, além de uma capacidade maior de compreensão de fenômenos abstratos e subjetivos, que permite aos alunos compreender metáforas, entrar em contato com realidades complexas e refletir sobre temas mais profundos (Piaget, 1967).

Em situações formais de ensino, os filmes permitem que os alunos interajam com as histórias contadas a partir de suas próprias perspectivas, aproximando-os de suas próprias trajetórias de vida. Dessa forma, o cinema abre a possibilidade de

ressignificações, tanto da história de vida individual e familiar, quanto das questões sociais e históricas envolvidas, tendo o potencial de promover mudanças na realidade subjetiva e concreta (Santeiro et al., 2014).

Em suma, o cinema não se trata de mero entretenimento, apresentando grandes possibilidades de interseção com a psicologia, mais particularmente com a área de psicologia educacional, considerando seu potencial educativo, preventivo e terapêutico, com foco na promoção do desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, foi realizada uma pesquisa interventiva com o objetivo de investigar os potenciais benefícios do cinema no desenvolvimento psicológico do adolescente, considerando aspectos educativos e terapêuticos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ASPECTOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS DO CINEMA

O ano de 1879, quando Wundt fundou o primeiro laboratório destinado à prática da ciência psicológica, é frequentemente apontado como marco oficial da constituição da psicologia enquanto ciência e profissão (Bock, 2018). Por outro lado, apenas 16 anos depois, em 1895, os irmãos Lumière realizaram o que foi considerado o marco inicial do cinema: a exibição pública do filme “A chegada do trem na estação” (Sabadin, 2018). Na sessão, conta-se que o público reagiu com pânico, sendo que muitos espectadores começaram a gritar e fugir para o fundo da sala (Ballerini, 2020).

Ou seja, pode-se dizer que a relação entre psicologia e cinema surge no exato momento da eclosão da sétima arte, que parece já ter nascido com a vocação de despertar ou potencializar emoções e sentimentos num nível semelhante à própria realidade.

Depois da experiência dos irmãos Lumière, pode-se dizer que o cinema evoluiu de forma muito rápida, consolidando-se como uma arte universal, capaz de comunicar-se com públicos de diferentes culturas. A popularização do cinema como forma de entretenimento democratizou o acesso às películas e, atualmente, indivíduos de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade podem fruir de obras cinematográficas e desenvolver a capacidade de interpretar seus códigos e signos. É através da articulação de diversos sistemas de significação que o cinema constrói narrativas que transcendem a mera comunicação verbal, alcançando um nível de expressividade singular.

A base técnica do cinema já aponta uma relação importante com a psicologia, uma vez que as imagens em movimento que são vistas na tela são, na verdade, uma sucessão de elementos estáticos projetados numa velocidade acima de 24 quadros por segundo, induzindo uma ilusão perceptiva denominada Fenômeno Phi. Este fenômeno significa que o cérebro conserva uma imagem por um breve período de tempo e se outra imagem for projetada antes que a primeira se desvaneça, ele cria uma conexão entre as duas, indicando a percepção de movimento (Wertheimer, 2012).

Outrossim, quando estamos assistindo a um filme com total envolvimento, normalmente entra em ação o mecanismo da suspensão da descrença, em que assumimos uma condição mental de distanciamento do mundo objetivo e mergulhamos na experiência fílmica de tal modo que somos temporariamente convencidos de que os dramas ali vivenciados são autênticos e não meras representações de atores (Guidi, 2022).

Tal fenômeno psicológico depende de fatores objetivos e subjetivos. Os fatores objetivos dizem respeito à lógica interna da trama e ao modo como o filme é executado. Contudo, os fatores subjetivos também são importantes, uma vez que é preciso um estado de relaxamento, uma entrega à experiência e um engajamento com a trama, ou seja, fatores que dependem da subjetividade individual, fazendo com que a mesma obra seja sentida como mais imersiva por alguns, e menos por outros.

Para Rivoltella (2005), o cinema também é considerado um dos cerne da superfície simbólica das novas gerações, constituindo um campo de interação em que os sujeitos constroem e compartilham significados. Desta forma, a linguagem cinematográfica se apresenta como uma maneira rica de representar uma ampla diversidade de personagens, o que facilita a identificação dos espectadores com a obra (Bueno; Zanella, 2022), além de mostrar múltiplas realidades e narrativas humanas, sendo uma espécie de difusor de modos de percepção do mundo, o que influencia o processo de construção da subjetividade (Carvalho; Passini; Baduy, 2015).

Contudo, a sétima arte não atua apenas no sentido de representar a realidade, tal como ela se apresenta, mas também de questioná-la e propor novas interpretações. Para Barros, Gurski & Strzykalskil (2019, p. 7) o cinema,

além de representar a realidade por meio de mitos, ideologias e mesmo dos códigos das diferentes culturas, também opera a partir de práticas que significam e ressignificam conceitos, hábitos e valores. Ao mesmo tempo que traz elementos da cultura, a narrativa fílmica os transforma, reordenando sentidos e criando novos e múltiplos significados.

Nesta perspectiva, Bueno e Zanella (2022, apud Gurski, Vasquez, & Moschen, 2013), ressaltam o valor social do cinema, uma vez que este se configura como uma

linguagem que permite explorar diversos pontos de vista e problematizar questões sociais relevantes, como nos casos em que uma película traz à tona temáticas relacionadas à diversidade humana (diferenças culturais, religiosas, raciais, etc), incentivando o espectador a se colocar momentaneamente na perspectiva do outro.

1.2 POTENCIAIS TERAPÊUTICOS E EDUCATIVOS DA SÉTIMA ARTE

Uma vez que participa ativamente do processo de construção da subjetividade, pode-se pensar no cinema como uma forma de arte que pode oferecer diversas possibilidades terapêuticas e educativas, sendo um meio para ampliar as possibilidades discursivas e catalisar reflexões, a partir do contato seguro com a alteridade.

Mauerhofer (1983, p. 380) escreve:

Um dos elementos essenciais da situação de cinema é o que podemos chamar de função psicoterapêutica. A cada dia, ela torna suportável a vida de milhões de pessoas. Elas catam as migalhas dos filmes assistidos e as levam consigo para a cama. O cinema provoca respostas que substituem aspirações e fantasias sempre proteladas: oferece compensação para vidas que perderam grande parte de sua substância. [...] O cinema nos faz ficar tristes e nos faz ficar alegres. Incita-nos à reflexão e nos livra das preocupações. Alivia o fardo da vida cotidiana e serve de alimento à nossa imaginação empobrecida. É um amplo reservatório contro o tédio e uma rede indestrutível para os sonhos. A cada dia milhões de pessoas buscam seu isolamento, seu grato anonimato, a neutralidade do seu apelo ao ego, a estória narrada de forma compacta, o colorido do jogo de emoção, força e amor que risca a tela. Depois, transitoriamente mudadas, saem À luz do dia ou para a noite; cada qual agora seu próprio filme, cada qual possuída do “brilhante reflexo” da vida - ou, pelo menos, da imagem desse reflexo - até que a realidade inexorável as recupere para sua característica aspereza.

Compreende-se, assim, que o cinema é uma forma de arte que permite uma fuga momentânea da realidade, e estas fugas constituem momentos que podem sustentar o sujeito a enfrentar as vicissitudes da vida. O processo de viver apresenta uma face dolorosa, tendo em vista que apresenta uma série de limites e impõe diversas frustrações, sendo praticamente impossível a realização de um projeto de felicidade inabalável. Desta forma, o cinema oferece, em doses controladas, a possibilidade de se identificar com outras modalidades de existência e de experimentar culturas diferentes. É desta forma que ele “alimenta” nossa imaginação e “alivia o fardo” das relações cotidianas, fornecendo uma espécie de combustível emocional para continuar a viver.

A experiência do cinema permite ainda uma interação com determinadas problemáticas humanas, vivenciadas por personagens específicos. Em função do

processo de identificação, quando o sujeito percebe semelhanças entre aspectos da própria vida com as questões retratadas na arte, isso se torna um facilitador para trabalhar fatores emocionais, cognitivos e relacionais da própria existência. Esse processo pode facilitar a catarse (alívio emocional) e o insight (conscientização sobre aspectos da própria vida), podendo levar a mudanças significativas (Eğeci; Gençöz, 2017).

Em termos educativos, o cinema é uma linguagem com grandes potenciais. Para Barros, Gurski & Strzykalski (2019, p. 4), a inserção de filmes na escola é uma possibilidade de atuação bem interessante, uma vez que criamos “um outro modo de transmissão que aposta tanto na pluralidade dos discursos, quanto no saber da experiência dos adolescentes”. Ou seja, a sétima arte pode ser usada tanto para ampliar as possibilidades discursivas dos estudantes, trazendo novos conteúdos, quanto para catalisar as reflexões a partir de provocações intelectuais e afetivas que auxiliem os sujeitos a resgatar e ressignificar suas vivências anteriores.

Duarte (2007) defende o uso do cinema na escola não apenas como mero recurso didático, mas como um elemento cultural de grande potencial educativo, uma vez que assistir a filmes de diferentes gêneros, épocas e culturas, e participar de debates e discussões sobre cinema, contribui para o desenvolvimento da capacidade crítica e interpretativa do espectador, além de aprimorar sua experiência estética (Duarte, 2007).

Santeiro et al. (2014) ressaltam ainda o papel do cinema no trabalho com grupos, no qual é possível a utilização de películas para promover discussões coletivas a partir de um ambiente seguro, no qual é possível “discutir sobre assuntos ‘sérios’ de um jeito “leve” (Santeiro et al, 2014, p. 12).

Assim sendo, como sustenta Martins, Navarrette e Oliveira (2019), os recursos audiovisuais podem ser utilizados para promover discussões de temas a fim de gerar diálogo e reflexão, proporcionar a interação entre o grupo e a troca de experiências entre o grupo e os profissionais. A psicologia pode fazer uso do cinema como ferramenta para auxiliar no acolhimento do sofrimento subjetivo e na elaboração de intervenções em cenários educacionais e comunitários, estimulando a problematização e incentivando a reflexão da população sobre seu cotidiano a fim de promover a conscientização a respeito de seus direitos sociais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve a finalidade de investigar os potenciais benefícios do cinema no desenvolvimento psicológico do adolescente, considerando aspectos educativos e terapêuticos. Para concretização deste objetivo, foram realizados os seguintes procedimentos: a) levantamento de hábitos e motivações relacionadas à experiência cinematográfica de uma amostra de adolescentes do Ensino Médio; b) análise de obras fílmicas, com foco em selecionar películas adequadas para a faixa etária e os objetivos do projeto; c) seleção de três filmes para intervenção, com base em critério definidos; d) exibição dos filmes selecionados e roda de conversa mediada sobre essas obras; e) registro e análise de falas e comportamentos dos adolescentes, procurando identificar fatores educacionais e terapêuticos que emergiram na experiência.

Cada um dos procedimentos será detalhado nos próximos itens.

2.1 PESQUISA DE HÁBITOS CINEMATOGRAFICOS

Foi realizada uma pesquisa eletrônica, com uma amostra de 60 adolescentes de 14 a 19 anos, de ambos os sexos, estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas e uma escola privada de Curitiba. Os participantes responderam perguntas fechadas e abertas a partir de um formulário online, com o objetivo de verificar as preferências e hábitos dos adolescentes em relação à sétima arte. Os resultados desta pesquisa foram utilizados como suporte para a escolha de três filmes destinados à intervenção e pesquisa, de acordo com o objetivo principal.

2.2 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE FILMES

A partir da experiência pessoal dos pesquisadores com cinema, associada à pesquisas em sites especializados como IMDB (Internet Movie Database), foram assistidos e debatidos os seguintes filmes: i.) Quanto mais quente melhor; ii.) Preciosa; iii.) A Voz do Silêncio; iv.) Sociedade dos Poetas Mortos; v.) Clube dos Cinco; vi.) Mommy; vii.) Homens, Mulheres e Filhos; viii.) A Onda; ix.) O Curioso Caso de Benjamin Button; x.) Pequena Miss Sunshine; xi.) Aftersun; xii.) A Hora do Pesadelo; xiii.) A Rosa Púrpura do Cairo; xiv.) O Labirinto do Fauno e xv.) As Vantagens de Ser Invisível; xvi.) Conta Comigo.

2.3 DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS E SELEÇÃO DE FILMES PARA INTERVENÇÃO

A partir dos procedimentos (2.1) e (2.2), foram definidos os seguintes critérios de seleção para os filmes da intervenção: ser uma obra atrativa, com valor de entretenimento; classificação indicativa de até 14 anos; presença de temáticas relevantes para a adolescência; ter duração inferior à 1h45; (em função das limitações de horário da escola); disponibilidade da película em versão dublada.

A partir desses critérios, foram escolhidos os seguintes filmes: Pequena Miss Sunshine (2006); As Vantagens de ser Invisível (2012); Conta Comigo (1986).

A obra Pequena Miss Sunshine (2006) conta a jornada de Olive, uma menina de 7 anos que embarca em uma viagem juntamente com sua família (Richard [pai], Sheryl [mãe], Frank [tio], Edwin [avô] e Dwayne [irmão mais velho]) com o objetivo de participar de um concurso de beleza para crianças. Durante a viagem, conhecemos um pouco da história e da personalidade de cada personagem e acompanhamos dramas, conflitos e experiências significativas da família.

No filme As Vantagens de Ser Invisível (2012) é apresentada a história do personagem Charlie, um estudante tímido do Ensino Médio, e seu grupo de amigos (Sam e Patrick), que vivenciam e compartilham descobertas, experiências e dificuldades próprias da adolescência.

Por fim, o filme Conta Comigo (1986) narra a trajetória de quatro amigos (Gordie, Chris, Vern e Teddy) que resolvem fazer uma longa caminhada para ver um corpo de um adolescente morto acidentalmente. Essa aventura, motivada inicialmente pela mera curiosidade, acaba aproximando mais estes amigos e se revelando uma grande jornada de autodescoberta.

2.4 PESQUISA INTERVENTIVA: EXIBIÇÃO DE FILMES

A pesquisa interventiva foi realizada em uma escola pública da região central da cidade de Curitiba, com um grupo de 30 adolescentes do segundo ano do Ensino Médio, de ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 19 anos.

Foram projetados três filmes (item 2.3) em três encontros, sendo que cada exibição foi seguida de reflexão e debate em grupo, mediado pelos facilitadores / pesquisadores. A mediação foi auxiliada por um roteiro prévio de questões relacionadas aos temas e personagens principais das películas. Durante as sessões também foi realizado o registro de falas e comportamentos dos estudantes, em diário de campo.

Por fim, ao final de cada sessão, os estudantes foram incentivados a responder um formulário com perguntas específicas sobre os personagens e temas do filme, a partir de um formulário eletrônico com questões abertas.

Como já foi destacado, a prática proposta se configura como uma pesquisa interventiva, de caráter qualitativo, que é uma modalidade de investigação que se pauta na premissa de produzir conhecimento a partir de uma intervenção realizada junto a “um grupo, a uma comunidade, a indivíduos que se encontram em situações específicas, particulares” (Baptista; Noguchi; Calil, 2006). No caso em questão, a pesquisa foi conduzida a partir de uma intervenção psicoeducativa direcionada a adolescentes de escola pública, tomando o cinema como ponto de partida. Ao mesmo tempo em que se visa atingir os estudantes com uma prática significativa, pretende-se, simultaneamente, produzir conhecimento científico, o que se enquadra no conceito de pesquisa interventiva.

2.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Após a pesquisa interventiva (2.4), os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo categorial (Bardin, 2011), na sua modalidade qualitativa. Trata-se de um procedimento que permite a classificação das informações levantadas por intermédio de operações de desmembramento dos dados em unidades para serem em seguida organizadas de acordo com seu sentido e agrupadas em categorias (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021).

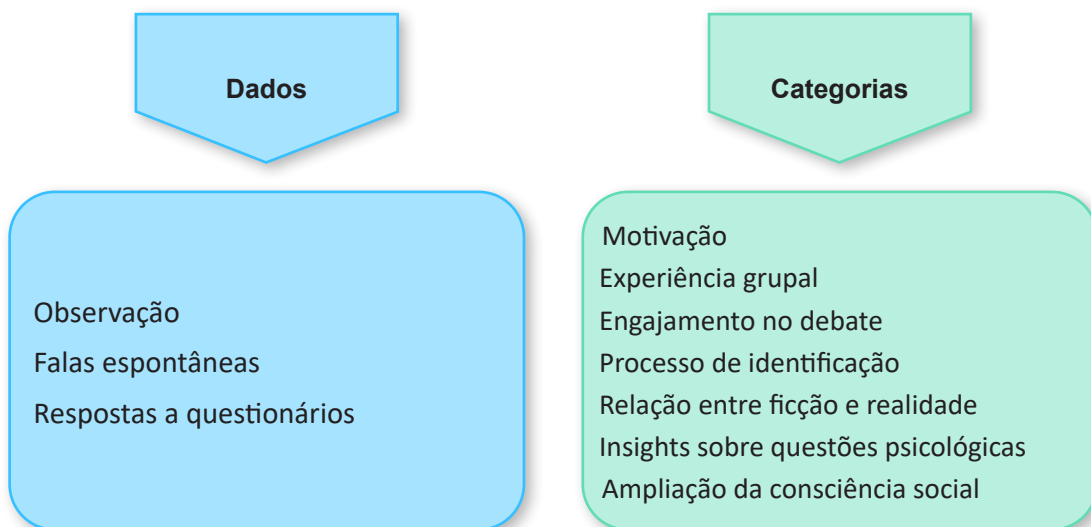
Tendo em vista que o objetivo da presente investigação foi identificar os potenciais benefícios do cinema no desenvolvimento psicológico do adolescente, a partir da análise categorial das informações (falas, comportamentos registrados e respostas aos formulários), foram construídas sete categorias relacionadas ao objetivo:

- a) Motivação dos adolescentes na experiência cinematográfica: o filme foi percebido como interessante e motivador?
- b) Experiência grupal significativa: O filme se revelou uma experiência positiva para o grupo? Fortaleceu o diálogo e ajudou a fortalecer a diversidade?
- c) Engajamento no debate: Houve participação ativa em tecer comentários, perguntas e reflexões a partir do filme? Que temas foram percebidos e destacados pelos adolescentes?
- d) Processo de identificação: Como foi o processo de interação com os personagens da trama? Como tais personagens foram percebidos pelos participantes?
- e) Relação entre ficção e realidade: Durante o debate, houve paralelos entre o filme e a realidade cotidiana dos adolescentes? Houve alguma metáfora apontada ou debatida?
- f) Insights sobre questões psicológicas: No processo de debate e reflexão, que insights psicológicos (descobertas importantes sobre si mesmo e sobre o outro) puderam ser construídos pelo grupo?

g) Ampliação da consciência social: No processo de reflexão, quais foram as questões sociais que foram ressaltadas e que pareceram sensibilizar o grupo?

Em suma, podemos sintetizar o processo de análise de dados da seguinte forma:

FIGURA 1 — Categorias de análise do impacto do film



FONTE: Os autores (2024)

2.6 ASPECTOS ÉTICOS

A presente investigação foi conduzida em consonância com os preceitos éticos descritos na resolução 196 (Brasil, 1996) do Ministério da Saúde, que diz respeito aos princípios da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça.

A pesquisa de formulário (item 2.1) pode ser caracterizada como pesquisa de opinião, sendo dispensada de autorização do Comitê de Ética, conforme resolução 674, cap. IX, art. 26 (Brasil, 2022).

A intervenção (item 2.4) foi realizada dentro de uma Instituição Escolar Pública, de Ensino Fundamental e Médio, que já conta com parceria formal com a FAE- Centro Universitário, a partir de um programa de Estágio em Psicologia Educacional. Ainda que a instituição já fosse parceira, realizou-se uma consulta inicial, oferecendo a proposta de trabalhar com Psicologia e Cinema, tanto com a equipe gestora da escola como com os adolescentes. Assim, foi considerada tanto a autonomia da Instituição como a liberdade de participação dos adolescentes.

Na investigação produzida, foi adotado o princípio do sigilo, para que os participantes se sentissem à vontade para comunicar suas opiniões. Além disso, em relação ao princípio

da “não maleficência”, adotou-se como base do trabalho a promoção de uma comunicação cordial e respeitosa com os estudantes, com a construção de combinados para o bom funcionamento do grupo. Os filmes escolhidos também foram adequados à faixa etária, a fim de minimizar o risco de mal estar com relação a temas mais sensíveis.

O incentivo a criar um ambiente tranquilo e seguro, com uso de bom humor, distribuição de pipoca, encorajamento em relação às falas e, principalmente, a escolha de filmes relevantes, com potencial de auxiliar os adolescentes na sua jornada de desenvolvimento, constituiu o foco da promoção da beneficência.

Por fim, compreendemos que esta pesquisa apresenta relevância social e humanitária (princípio da justiça), uma vez que o cinema é uma arte popular e acessível a maior parte da população (TV aberta, streaming, Internet), sendo o seu uso na educação uma ferramenta importante, que necessita ser ainda mais explorada, estimulando a reflexão crítica sobre obras filmicas, especialmente nas escolas públicas.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 PESQUISA DE HÁBITOS CINEMATográfICOS

Na pesquisa conduzida com 60 adolescentes de 14 a 19 anos, de ambos os sexos, foi possível identificar um perfil em termos de hábitos cinematográficos e motivações relacionadas à experiência filmica nesta faixa etária, o que auxiliou no planejamento da etapa de intervenção.

Os dados evidenciaram que 93% dos adolescentes têm o hábito de assistir a filmes, superando séries (85%), vídeos do Tik Tok (78%) e vídeos do youtube (67%). Na rotina semanal, 52% declararam assistir a filmes uma ou duas vezes por semana, normalmente à noite (71%), sozinhos (53%) ou com a família (26%), usando serviços de streaming (83%), seja na TV (93%) ou no celular (83%). Raramente vão ao cinema (cerca de uma ou duas vezes por ano).

Os adolescentes têm o costume de ver filmes dublados (73%), preferindo os gêneros de ação (17%), comédia (17%) e terror (13%). A maioria assinalou que “gosta bastante de cinema” (73%), ao passo que cerca de um terço dos respondentes declarou “adorar” (17%) ou “amar” a sétima arte (13%). E em relação à proposta de conversar e refletir sobre filmes, 50% se interessaram muito pela ideia, enquanto 40% declararam interesse moderado pela proposta.

Em relação aos filmes assistidos recentemente, as últimas obras consumidas pelos jovens foram, em sua maioria, filmes mais recentes e popularmente divulgados e comentados nas redes sociais que eles utilizam, como o Tik Tok, por exemplo.

No quesito “filmes de que não gostam”, a maioria dos adolescentes acabou não citando nenhuma obra específica, mas apresentaram os motivos que costumam despertar desinteresse ou desagrado por uma obra:: roteiro ruim (11 respostas), percepção de um filme como sendo “chato” ou “cansativo” (9 respostas) e filmes que evocam algum gatilho ou traumas emocionais (2 respostas).

As principais motivações apontadas para ver obras cinematográficas foram “entretenimento” (27 respostas), seguidas por “gostar” (11 respostas), “passar tempo com família/amigos” (7 respostas), “inspiração” (6 respostas), “história” e “atuação/acompanhar artistas” (5 respostas), “acompanhar novidades” (4 respostas), “arte” e “adquirir conhecimento” (3 respostas cada).

3.2 PESQUISA INTERVENTIVA

3.2.1 Encontro 1: Rapport e Construção de Combinados

O primeiro encontro conduzido com a turma de estudantes do Ensino Médio teve os objetivos de realizar uma apresentação introdutória do projeto, estabelecer o *rapport* (termo de origem francesa usado na psicologia com o sentido de criar uma relação de confiança, pautada numa interação positiva) e construir com os alunos alguns combinados para organizar o funcionamento das intervenções.

Os facilitadores apresentaram o grupo de pesquisa e explicaram a finalidade do projeto. Em seguida, questionou-se o que os estudantes sabiam a respeito da psicologia, convidando-os a compartilharem suas percepções. Dentre os comentários mais significativos, os alunos apontaram que essa ciência se refere ao estudo da mente, do comportamento, das emoções e dos afetos. A partir desses pontos de vista, os mediadores destacaram a associação entre cinema e psicologia, incentivando os alunos a citar filmes e personagens de seus interesses, procurando relacioná-los ao universo psicológico.

Em seguida, foi realizada a “dinâmica dos crachás”, na qual solicitou-se aos alunos que escrevessem seus nomes e fizessem um desenho referenciando um personagem ou um filme de que gostassem. Nesta atividade, os adolescentes mencionaram

especialmente elementos associados a afetos positivos, à sua própria identidade (características pessoais) e sua jornada de autodescoberta.

Na sequência, foi exibida uma famosa cena do filme “Matrix” (1999), na qual o personagem Morpheus apresenta duas pílulas, uma simbolizando a busca pela verdade e a outra representando a ilusão, e pede para Neo (o protagonista), fazer uma escolha. Essa metáfora foi um ponto de partida para que os mediadores realizassem uma reflexão acerca do papel do cinema, associado à psicologia, como uma ferramenta para promover autorreflexão e conscientização (pílula da verdade).

Após esse momento, foi construído com os estudantes os combinados para o funcionamento das intervenções, destacando-se: silêncio durante a exibição do filme; ouvir e participar, respeitando as opiniões; sigilo; tolerância zero para violência física; e sem *spoilers* (uma regra considerada “sagrada”, no universo do cinema).

Em uma conversa subsequente, apresentando o potencial terapêutico da sétima arte, os mediadores questionaram os alunos a respeito de quais momentos eles assistem a filmes como forma de se distrair, relaxar ou aprender. Os jovens mencionaram que têm contato com obras fílmicas com certa frequência e, em geral, experimentam efeitos positivos em seu humor, associando a bem-estar e alegria.

Por fim, os moderadores propuseram que os estudantes escolhessem entre balas vermelhas e azuis, em referência à cena de Matrix apresentada, indagando-os se gostariam de participar ou não das próximas dinâmicas. Ao escolher a bala vermelha, o adolescente estaria (simbolicamente) disposto a participar e, com isso, realizar uma reflexão sobre si mesmo e sua realidade.

3.2.2 Encontro 2: Exibição do Filme Pequena Miss Sunshine

Neste encontro, foi realizada a exibição do longa metragem Pequena Miss Sunshine (2006). No início da projeção, o grupo se mostrou um tanto disperso, mas a atenção foi aumentando na medida em que a história foi envolvendo os participantes, sendo que no final os adolescentes chegaram a bater palmas para o filme.

Objetivando identificar as principais percepções dos estudantes sobre a narrativa, os mediadores questionaram os alunos “qual palavra usariam para representar o filme?”, e as principais respostas foram “emocionante”, “engraçado”, “superação”, “inspiração”, “união”, “problemas”, “realista”.

Com relação aos personagens, os favoritos dos estudantes foram o avô (Edwin Hoover) - ovacionado pela turma por seus conselhos sobre uso de drogas ilícitas e

sexualidade - e Frank (tio) - por seu jeito divertido e carismático. Já o personagem mais odiado foi o pai (Richard Hoover), especialmente em função de suas falas sobre sucesso e fracasso. Neste caso, muitos estudantes tiveram insight acerca de suas próprias relações familiares e comentaram que não gostariam de reproduzir os comportamentos deste personagem.

O personagem Dwayne (o irmão adolescente), dividiu a turma: alguns o consideram ridículo, enquanto outros, disciplinado. A mãe (Sheryl Hoover) e a protagonista da obra, Olive, foram pouco comentadas como cerne da obra, porém, esse fato posto pelos mediadores gerou uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade, abrindo uma discussão importante sobre sexismo, uma vez que Sheryl realiza um intenso trabalho para manter a família unida e não é reconhecida nas suas necessidades.

Ademais, mesmo sendo um personagem inanimado, a kombi é o representante simbólico da família Hoover - apontada pelos adolescentes como sendo uma família/automóvel funcional: mesmo com problemas e fora do convencional, ela funciona. Além disso, foi citado que os indivíduos são como a kombi, ou seja, em certos momentos precisam de pessoas próximas para dar um “empurrão” e assim “engrenar”. Muitos dos estudantes se identificaram nesse momento.

3.2.3 Encontro 3: Exibição do Filme As Vantagens de Ser Invisível

De modo semelhante ao encontro anterior, durante o início da projeção do segundo filme, *As Vantagens de Ser Invisível* (2012), houve mais desatenção, que foi desaparecendo ao longo do desenrolar da trama. Após o término da exibição, foi solicitado que os estudantes se dividissem em três grupos, A, B e C, para participarem de um debate mediado. A proposta de organizá-los em grupos menores objetivou oferecer uma escuta mais atenta aos alunos que apresentaram mais dificuldade de se manifestar publicamente, perante toda a turma. Cada subgrupo produziu um cartaz em que os estudantes pontuaram os principais assuntos que reconheceram no filme e, ao final da dinâmica, os três subgrupos se juntaram novamente para conversar acerca das percepções construídas nas rodas de conversa.

Os estudantes do Grupo A destacaram mais o personagem principal, Charlie, pois se identificaram com a sensação de ser “estranho” e “excluído” dentro da escola e, às vezes, dentro da própria turma. Compartilharam a dificuldade que sentem em se relacionar com pessoas que consideram “normais” e o fato de que não se percebem aceitos pelos demais. Quando questionados quais seriam as vantagens de ser invisível, analisaram que a invisibilidade social poderia proteger o indivíduo de afrontas, piadas

ou bullying, mas, assim como retratado na obra, ser invisível socialmente não garante necessariamente os benefícios elencados pelo próprio grupo.

O segundo grupo (B), focou a conversa em torno do tema “abuso” proposto pela película e sofrido por alguns personagens. Os estudantes destacaram a importância de possuir uma boa rede de apoio como forma de segurança e prevenção. Frisaram também o fato do protagonista ser inseguro e não saber dizer não, destacando que o personagem Charlie manifestava tendência de agir segundo expectativas de terceiros, o que a equipe B reconheceu como prejudicial, ressaltando a importância de saber se posicionar e expressar suas opiniões. Outra percepção dos estudantes foi com relação ao uso de drogas feito pelo protagonista, que foi associado a uma forma de fuga de sua realidade e de seus traumas passados.

Os alunos do grupo C expressaram sentir incômodo com a atmosfera do filme, que eles associaram (no cartaz) a palavras como “culpa”, “medo” e “dependência emocional”. Acerca dos personagens da obra, destacaram a figura do professor de Charlie, o Sr. Anderson, que eles consideraram um ótimo exemplo de um docente atencioso, cuidadoso e simpático, porém ressaltaram que ter um professor assim seria uma espécie de “sonho utópico”, tendo em vista que não conseguiam identificar, em sua escola, professores semelhantes, que poderiam ser considerados referências em termos de rede de apoio, uma vez que não têm relação de proximidade ou afeto com eles.

Esta equipe analisou a invisibilidade social como algo vantajoso e que permitiria viver sem ser exposto. Ainda, falaram sobre a necessidade de cultivar o amor próprio como forma de se prevenir de relacionamentos prejudiciais. Contudo, afirmaram que possuem a tendência em deixar suas vontades próprias e personalidades de lado para agradar os outros, reconhecendo, assim, a contradição entre o que pensam e fazem.

A discussão com a turma conjunta apontou que todos os grupos reconheceram a adolescência como uma fase conturbada e marcada pela angústia com questões psicológicas e sociais. Ainda, sinalizaram a importância da amizade e reconheceram que nenhuma relação é perfeita.

3.2.4 Encontro 4: Exibição do Filme Conta Comigo, Encerramento e Feedback

No último encontro, na exibição do filme *Conta Comigo* (1986), a atenção do grupo se estabeleceu com mais segurança desde o início da projeção. No debate, foi replicado o procedimento de dividir a turma em três grupos distintos, designados como I, II e III, levando em consideração os resultados positivos alcançados no encontro anterior. Da

mesma forma, cada equipe elaborou um cartaz no qual registraram as palavras que consideraram mais importantes, em relação à obra.

O grupo I sintetizou a narrativa com os termos “coragem”, “lealdade” e “amizade”. Os alunos destacaram Chris como o personagem mais admirável devido à sua independência, fidelidade aos amigos e perspectiva singular. A trama também os levou a refletir sobre seus próprios futuros, analisando suas aspirações em relação ao esforço necessário para alcançar seus objetivos.

O grupo II enfatizou a “superação” e a “solidão” dos personagens apresentados na história. Os estudantes examinaram a dinâmica de amizade entre os protagonistas e os papéis individuais dentro dela. Eles também se colocaram no lugar dos personagens, imaginando suas próprias reações em situações semelhantes. Observaram que são vistos como pessoas em quem os amigos podem confiar, mas reconheceram que oferecer ajuda não garante necessariamente aceitação. Relataram experiências de testemunhar comportamentos arriscados entre conhecidos e seu esforço para oferecer apoio dentro de suas possibilidades.

Além disso, compararam os três filmes exibidos, destacando como todos abordam, de alguma forma, as consequências de tentar se encaixar em padrões impostos externamente. Alguns expressaram sentir-se pressionados a amadurecer precocemente, assim como Chris, diante das circunstâncias desafiadoras em que se encontram.

O grupo III escolheu palavras como “união”, “confiança” e “amizade” para resumir a obra. Eles compartilharam experiências pessoais de ter alguém em quem confiar e de enfrentar a perda de entes queridos, semelhante à vivência do protagonista Gordie. Discutiram também a natureza transitória das amizades e a importância dos amigos como suporte durante momentos difíceis. Os adolescentes expressaram saudades da infância, um período menos preocupante, quando era mais fácil fazer amizades e a vida parecia menos exigente. Na adolescência, perceberam um aumento da complexidade na formação de relações genuínas, o que contrasta com a simplicidade da infância.

Durante a discussão conjunta sobre os filmes, os estudantes elegeram o último filme exibido como o seu favorito. Justificaram sua preferência pela aventura apresentada e pela capacidade da história de evocar memórias de suas próprias infâncias. Identificaram-se especialmente com Chris, por sua compreensão, maturidade precoce e lealdade aos amigos. Refletiram sobre como o título do filme se relaciona diretamente com ele, já que todos os amigos podem contar com sua presença confiável.

Adicionalmente, analisaram outros personagens da trama, expressando desagrado por Vern, considerando-o mimado e um obstáculo para o grupo. Manifestaram que não poderiam confiar nele, assim como em outros personagens da história. Neste ponto,

um facilitador apontou a contradição que os adolescentes estavam apresentando entre admirar Chris por suas qualidades acolhedoras, e ao mesmo tempo eleger um personagem que não era digno desse acolhimento. Os estudantes pareceram ficar bem impactados com esta reflexão.

Após o término do debate, considerando-se que se tratava do último encontro, foi solicitado um feedback dos estudantes a respeito do projeto como um todo. Os estudantes apreciaram a atividade e manifestaram interesse em dar continuidade ao projeto. Propuseram, inclusive, a criação de uma disciplina na grade escolar dedicada à análise cinematográfica e discussão de temas inspirados pelos filmes. Um dos adolescentes observou que os filmes permitem abordar questões difíceis de forma mais suave e segura.

Por fim, os adolescentes foram convidados a construir uma “calçada da fama” simbólica, na qual cada aluno desenhou sua própria mão e registrou seu nome, num gesto afetivo de gratidão pela participação da turma no projeto.

3.3 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

Todos os dados coletados nas intervenções relativas aos três filmes exibidos (falas e comportamentos dos estudantes), foram organizados e classificados de acordo com as categorias estabelecidas no item 2.5. Essas informações foram sintetizadas nos quadros 1 e 2.

QUADRO 1 — Motivação, experiência grupal, engajamento e identificação (categorias a, b, c e d) continua

Dados	Categoria
<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas sobre o filme (1,2 e 3) • A atenção dos estudantes começou flutuante, mas melhorou ao longo da trama (1, 2 e 3) • Conversas paralelas tinham relação com filme (1, 2 e 3) • Alunos se incomodaram com a interrupção do filme no intervalo, demonstrando desejo de continuar a assistir (1 e 2) • No final do filme riram, comentaram e bateram palmas (1) • Associaram o filme às palavras: “emocionante”, “engraçado”, “superação”, “inspiração” (1); “filme favorito” (3) 	a) Motivação (curiosidade, atenção, prazer na experiência e evocação de emoções positivas)
<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos conseguiram assistir ao filme inteiro e depois conversar sobre o mesmo, em clima amigável (1, 2 e 3) • Expressaram apreciação pela atividade e manifestaram interesse em dar continuidade ao projeto, sugerindo a inclusão de uma disciplina escolar para análise cinematográfica (3) • Escolha do melhor filme (3) e análise dos melhores personagens de cada trama 	b) Experiência grupal (integração do grupo)

QUADRO 1 — Motivação, experiência grupal, engajamento e identificação (categorias a, b, c e d) conclusão

Dados	Categoria
<ul style="list-style-type: none"> Os alunos conseguiram fazer perguntas (1,2 e 3) Foram comparados os filmes exibidos, destacando como todos abordam as consequências de se conformar com padrões impostos. (1,2 e 3) Os alunos manifestaram opiniões e pontos de vista distintos (1,2 e 3) 	c) Engajamento no debate (atitude questionadora, referência a obras anteriores e participação ativa)
<ul style="list-style-type: none"> Interesse pelo personagem Edwin Hoover, em função da temática envolvendo drogas ilícitas e sexualidade e conselhos que ele dá ao longo do filme. (1) Análise sobre a importância de possuir uma boa rede de apoio como mecanismo de segurança e prevenção contra abuso (2) Interesse pelo personagem Frank, por ressaltar a importância de aproveitar a vida. (1) Reconheceram-se “estranhos” assim como Charlie (2) Simpatia por Chris (3) e sua postura madura e acolhedora 	d) Processo de identificação (temáticas relevantes e simpatia e apreço por personagens)

FONTE: Os autores (2024)

NOTA: Pequena Miss Sunshine (1); Vantagens de ser invisível (2); Conta comigo (3)

QUADRO 2 — Relação entre ficção e realidade, Insights e Consciência Social (categorias e, f, g) continua

Dados	Categoria
<ul style="list-style-type: none"> Reflexão sobre aproveitar a vida e estudar numa escola em período integral (1) Discutiram a contradição entre admirar Chris por suas qualidades acolhedoras e não se colocarem no lugar dele, deixando alguns alunos pensativos (3) Apontaram a importância em possuir amor próprio, mas reconhecem sua tendência em colocar os outros acima de si mesmos (2) Reconheceram e analisaram que amizades são cíclicas e podem chegar ao fim (2) Assim como Olive, muitos alunos possuem pais semelhantes à Richard, que focam muito em resultados ao invés do bem estar dos filhos. Entre os temas difíceis em falar com os pais estavam: relações sexuais e problemas psicológicos. (1) 	e) Relação entre ficção e realidade (refletir sobre lições que o filme traz e as dificuldades de pôr em prática e identificar questões abordadas no filme na própria vida pessoal)
<ul style="list-style-type: none"> Desejo do personagem em ser um vencedor indicaria justamente sua frustração em perceber que sempre foi um perdedor. (1) Uso de substâncias psicoativas como forma de fuga da realidade (2) Necessidade de Chris amadurecer mais cedo e a forma com que isso o impactou (3) Reflexão sobre o desejo de serem pais diferentes no futuro (dando bons conselhos, tendo mais compreensão, evitando comparação a padrões de sucesso) (1) “Sentir-se infinito” como sinônimo de realização e paz pessoal (2) Mesmo com defeitos a “kombi” é funcional, tal como a família: mesmo com problemas, fora do convencional, ela pode ser funcional. (1) Muitas vezes nós somos a kombi, e precisamos de incentivo e, em outros momentos, temos pessoas próximas de nós que precisam de um “empurrão” (1) Dificuldade em relacionar-se com o outro que é visto como “normal” por sentir-se “estranho” (2) Importância da independência, fidelidade, superação de desafios pessoais e o papel das amizades como suporte emocional. (2 e 3) Dificuldade em ser autêntico e aceito socialmente (1, 2 e 3) 	f) Insights sobre questões psicológicas (análise psicológica de personagens, elaboração de desejos, sonhos e ideais, insight sobre relações familiares, reflexão sobre a imperfeição e a interdependência humana)

QUADRO 2 — Relação entre ficção e realidade, Insights e Consciência Social (categorias e, f, g) conclusão

Dados	Categoria
<p>Críticas às falas de estímulo ao sucesso (do pai) (1) Os filmes foram vistos como uma forma segura de explorar temas difíceis; abordar questões complexas através da arte pode ampliar a consciência social e emocional dos participantes. (1,2 e 3) O papel feminino não é reconhecido, assim como muitas mulheres na sociedade com seus trabalhos invisíveis. (1)</p>	<p>g) Ampliação da consciência social (identificação de questões mais amplas, como padrões de sucesso, normalidade, diversidade e o papel da arte na sociedade)</p>

FONTE: Os autores (2024)

NOTA: Pequena Miss Sunshine (1); Vantagens de ser invisível (2); Conta comigo (3)

A categoria (a), motivação, foi verificada a partir de indicadores que revelaram que a experiência fílmica foi interessante e agradável para os estudantes, despertando curiosidade, atenção, prazer e emoções positivas. (Quadro 1, a). Os adolescentes manifestaram curiosidade, fazendo perguntas e demonstrando decepção quando um filme era interrompido no intervalo. No início de cada projeção, houve uma certa distração, porém, na medida em que as tramas se desenrolaram e se tornaram mais dramáticas, a atenção concentrada melhorou significativamente. No final das sessões verificou-se reações de prazer (risos, bater palmas) e manifestações de palavras que associaram o filme a algo positivo como “emocionante” e “engraçado” ou “filme favorito”.

Aqui vale lembrar que a experiência de prazer proporcionada pelo cinema só é possível graças à imersão na obra em função da suspensão da descrença (Guidi, 2022), de modo que o sujeito fica receptivo a ser afetado emocionalmente, tendo sua imaginação alimentada e deixando de lado temporariamente outras questões e problemas que está vivenciando no momento, como foi destacado por Mauerhofer (1983).

Essa expectativa de prazer foi verificada também na pesquisa sobre hábitos cinematográficos (3.1), na qual os respondentes associaram o cinema especialmente ao entretenimento (prazer), além da possibilidade de vivenciar experiências positivas (tempo com família e amigos, inspiração, etc.). Neste sentido, na intervenção realizada, foi possível preservar este aspecto importante da experiência cinematográfica, sem abrir mão da qualidade das reflexões. Ou seja, uma obra de entretenimento não precisa necessariamente ser um mero passatempo desprovido de conteúdo mais profundo.

A segunda categoria verificada foi a experiência grupal (b), percebida a partir de indicadores que demonstraram a integração do grupo a partir da experiência coletiva de assistir à película (Quadro 1, b). De fato, os alunos conseguiram ver os filmes e depois conversar sobre os mesmos, em clima amigável, dando espaço para manifestação de opiniões concordantes e divergentes. Tal como ressaltou Santeiro et al. (2014), o

cinema se mostra aqui como um instrumento útil para promover reflexões coletivas, permitindo um certo distanciamento para discussão de assuntos sérios, uma vez que o grupo se une para analisar o filme e ninguém se sente pressionado a falar sobre sua própria intimidade.

Para Martins, Navarrette e Oliveira (2019), os recursos audiovisuais, quando bem empregados, podem constituir um ótimo ponto de partida para promover discussões e gerar diálogo sobre diversos temas. De fato, verificou-se um engajamento no debate (categoria c) durante a exibição dos três filmes, considerando indicadores como: atitude questionadora, realização de comparações entre filmes e participação ativa no debate, com comentários espontâneos (Quadro 1, c). Além de responder às perguntas dos mediadores, os alunos também elaboraram questões sobre aspectos da obra exibida, fizeram comentários e emitiram opiniões, revelando envolvimento com a discussão. Os adolescentes perceberam e manifestaram pontos de vista sobre as semelhanças e diferenças entre os filmes, destacando, por exemplo, que as três películas abordaram as consequências de se conformar com padrões impostos pela sociedade.

Os filmes exibidos trouxeram uma grande diversidade de personagens, com histórias de vida particulares, sendo que muitos apresentaram dramas que são comuns na fase da adolescência, o que pode facilitar o processo de identificação (Bueno; Zanella, 2022). Neste sentido, verificou-se que muitos estudantes pareceram se identificar com determinados personagens (categoria d), associando pessoas com temáticas de maior interesse e demonstrando simpatia e apreço por alguns sujeitos, em detrimento de outros. Como pode ser visto no Quadro 1 (d), o personagem Edwin Hoover (idoso, avô de Olive no filme *A Pequena Miss Sunshine*) chamou muito a atenção dos estudantes em função do fato de usar drogas ilícitas e do seu interesse manifesto pela sexualidade. Ou seja, apesar da idade, os adolescentes se apagaram a este personagem por conta da temática envolvida. Os adolescentes se identificaram também com o personagem Charlie (protagonista de *As Vantagens de Ser Invisível*), por conta de muitas vezes sentirem que são julgados por serem diferentes dos padrões de normalidade, e com o personagem Chris (*Conta Comigo*), por representar um ideal de pessoa madura e acolhedora.

As funções educativas e terapêuticas de um filme guardam relação direta com os paralelos que podem ser estabelecidos entre a ficção e a realidade, sendo muito importante considerar as histórias de vida e a realidade social dos espectadores (Barros, Gurski & Strzykalski, 2019). No caso da intervenção realizada, foi possível perceber alguns momentos nos quais os estudantes conseguiram fazer paralelos com aspectos da vida real (Quadro 2, e), como, por exemplo: 1) quando refletiram sobre a importância de aproveitar a vida (a partir de *A Pequena Miss Sunshine*) e como isso é difícil para eles, pois sentem que estudar numa escola de período integral toma muito tempo, privando-

os de outras experiências significativas; 2) quando os alunos reconheceram e refletiram sobre o quanto as amizades são cíclicas e passageiras; 3) quando identificaram que muitos pais ou familiares são semelhantes a Richard (Pequena Miss Sunshine), sendo muito exigentes em relação a resultados e modelos de sucesso, ao invés de se focar no bem estar dos filhos. Dessa maneira, a relação entre ficção e realidade (categoria e) foi construída uma vez que os estudantes conseguiram identificar questões abordadas nos filmes na própria vida pessoal, refletiram sobre as lições trazidas pelas obras e conversaram sobre as dificuldades de praticar esses ensinamentos.

A categoria (f), insights sobre questões psicológicas, foi construída a partir de indicadores como análise motivacional de personagens, a elaboração de desejos, sonhos e ideais, insight sobre relações familiares, reflexão sobre a imperfeição e a interdependência humana. Como pode ser visto no Quadro 2 (f), alguns exemplos foram bem marcantes. Os adolescentes discutiram as motivações que faziam com que Richard (pai de Olive, Pequena Miss Sunshine) insistisse tanto num discurso de ser um vencedor, relacionando este fato à frustração de perceber que sempre foi um perdedor. No mesmo filme, também se destacou os insights trazidos pela figura da Kombi, primeiro representando a família, que mesmo com defeitos pode ser cuidadosa e amorosa, além de representar também as nossas imperfeições e necessidade de ajuda (precisamos de um “empurrão”, muitas vezes).

No filme *Vantagens de Ser Invisível*, destacou-se a reflexão sobre ser julgado por ser diferente dos padrões de normalidade e a dificuldade em ser autêntico e aceito socialmente, e também o papel da amizade como suporte emocional nas situações de sofrimento e vulnerabilidade. Este último fator também foi identificado e reforçado a partir da análise do filme *Conta Comigo*, que também associa a amizade com superação e crescimento.

O insight se apresenta como um dos aspectos que podem ser considerados terapêuticos do cinema (Eğeci; Gençöz, 2017), pois nada mais é do que uma ampliação da consciência (autoconhecimento), que favorece um olhar diferenciado sobre si mesmo, trazendo mais recursos para a tomada de decisões, o que estimula a autonomia.

Por fim, tendo em vista que o cinema se apresenta como uma linguagem que permite problematizar questões sociais (Bueno; Zanella, 2022), destaca-se que alguns aspectos discutidos durante os encontros extrapolaram as dimensões individuais e familiares, com algumas reflexões mais abrangentes, tais como a crítica aos padrões de sucesso vigentes no mundo atual que pressionam especialmente os jovens a entrarem num circuito de competição e estresse. Outro ponto, foi o sexismo presente na sociedade, uma discussão que surgiu a partir da análise da figura de Sheryl, a

mãe da Pequena Miss Sunshine, que se apresenta como uma mulher forte, sempre presente, tentando manter a família funcionando, sem, entretanto, ter esse trabalho reconhecido e valorizado. Por fim, foi discutido o próprio papel da arte na sociedade, particularmente a importância do cinema como forma de facilitar a reflexão sobre o mundo. Tais indicadores compuseram a última categoria (g), a ampliação da consciência social, a partir da identificação de problemáticas sociais mais amplas (como padrões de sucesso, normalidade, diversidade) e do papel da própria arte na sociedade (Quadro 2, f).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema, enquanto manifestação artística composta por uma pluralidade de elementos, distingue-se pela complexidade inerente às suas dimensões técnicas, narrativas e psicológicas. A linguagem cinematográfica, hábil em capturar a fluidez da realidade e em incutir empatia pelos seus protagonistas, não apenas estabeleceu um vínculo com os discentes, mas também lhes proporcionou acesso a culturas e realidades distintas das suas próprias vivências. Paralelamente, suscitou reflexões introspectivas sobre suas próprias existências e contextos ao longo dos encontros. Os estudantes se mostraram entusiasmados em dialogar sobre cinema, engajando-se de forma vívida nos debates mediados e formulando indagações perspicazes.

Durante os encontros foi possível fomentar a reflexão crítica e questionar as dinâmicas sociais, abordando questões como papéis de gênero, padrões estéticos, diversidade sexual, preconceito, dinâmicas familiares, relacionamentos amorosos e de amizade e expectativas sociais de sucesso. A forma fluida e delicada com que esses temas sensíveis foram tratados nas narrativas cinematográficas evidenciou o potencial terapêutico do cinema, promovendo uma ampliação da consciência social entre os jovens de maneira leve e segura, corroborando com estudos anteriores (Santeiro et al., 2014).

Assim, considerou-se que o objetivo principal da pesquisa foi alcançado, uma vez que foi possível identificar benefícios do cinema no desenvolvimento psicológico do adolescente, a partir de aspectos educativos e terapêuticos destacados pelas categorias de motivação, experiência grupal significativa, engajamento no debate, identificação com personagens, relação entre ficção e realidade, insights sobre questões psicológicas e ampliação da consciência social.

Entretanto, o estudo apresentou algumas limitações, tais como: a realização das intervenções exclusivamente em uma única instituição de ensino e direcionada a uma faixa etária específica; o número restrito de encontros, limitando a profundidade da análise dos filmes e dos debates mediados; a exibição de apenas três filmes, restringindo

a diversidade de obras e gêneros cinematográficos explorados. Destaca-se, assim, a importância de explorar o potencial terapêutico do cinema em outros contextos sociais, considerando também diferentes grupos etários, além da elaboração de projetos de maior duração, ampliando a seleção dos filmes e incentivando debates mais profundos.

Enfim, enquanto um campo emergente de pesquisa e intervenção, a interseção entre cinema e psicologia apresenta o potencial de diversificar as possibilidades terapêuticas e produzir novos saberes, enfatizando ainda mais a importância da arte no desenvolvimento da subjetividade humana. Parafraseando Johann Wolfgang Goethe, “Não há meio mais seguro de se evadir do mundo do que pela arte, nem forma mais segura de nos unirmos a ele do que através da arte”.

REFERÊNCIAS

AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL. Direção: Stephen Chbosky. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2012.

BALLERINI, F. **História do cinema mundial**. São Paulo: Summus, 2020.

BAPTISTA, M. T. D. S.; NOGUCHI, N. F. C.; CALIL, S. D. B. W. A pesquisa interventiva na psicologia: análise de três experiências. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 7, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000300014&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 2 abr. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, J. F.; GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. O Enlace entre psicanálise, educação, cinema e a experiência adolescente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e85002, 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-623685002>

BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 out. 1996.

BRASIL. Resolução CNS n. 674, de 6 de maio de 2022. Dispõe sobre a tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no Sistema CEP/Conep. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 203, p. 65-68, 25 out. 2022.

BUENO, G.; ZANELLA, A. V. Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, e200101, 2022. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200101>

BZUNECK, J. A. A psicologia educacional e a formação de professores: tendências contemporâneas. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 41-52, 1999.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

CARVALHO, P. R.; PASSINI, P. M.; BADUY, R. S. Cine y psicología: un análisis acerca de los procesos de subjetivación en la contemporaneidad. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 389-398, 2015. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i3.27392>

CASSINS, M. et al. **Manual de psicologia escolar-educacional**. Curitiba: Unificado, 2007.

CONTA COMIGO. Direção: Rob Reiner. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1986.

DELEUZE, G. **Cinema I: a imagem movimento**. São Paulo: Editora 34, 2018.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

EĞECI, İ. S., & GENÇÖZ, F. Use of cinematherapy in dealing with relationship problems. **The Arts in Psychotherapy**, v. 53, p. 64-71, 2017.

FRANÇA, A. Mundo do filme e mundo do espectador. **Revista do Centro de Artes**, Humanidades e Letras, v. 1, p. 66-76, 2007.

- FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. **Psicologia escolar**: que fazer é esse. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GUIDI, M. B. **Coleridge e a willing suspension of disbelief**: história, análise e usos. Campinas: Unicamp, 2022.
- GURSKI, R.; VASQUEZ, C.; MOSCHEN, S. Psicanálise, educação e cinema: diálogos possíveis. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 234-250, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2023.
- MARTINS, E. C.; NAVARRETTE, J. V.; OLIVEIRA, S. M. S. G. Cinema Perto da Gente: Arte como Estratégia de Atuação do Psicólogo no CRAS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, e188206, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003188206>
- MATRIX. Direção: Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Estados Unidos: Warner Bros, 1999.
- MAUERHOFER, H. A. A psicologia da experiência cinematográfica. In: Xavier, I. (Org). **A experiência do cinema**. São Paulo: Graal, 1983.
- PEQUENA MISS SUNSHINE. Direção: Jonathan Dayton e Valerie Faris. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2006.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- RIVOLTELLA, P. C. Il Cinema Luogo di educazione, tra scuola ed extra-scuola. In MALAVASI, P.; POLENGHI, S.; RIVOLTELLA, P. C. (Orgs.). **Cinema, pratiche, formative, educazione**. Milano: Vita e Pensiero, 2005.
- SABADIN, C. **A história do cinema para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.
- SANTEIRO, T. V. et al. Processo grupal mediado por filmes: espaço e tempo para pensar a Psicologia. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 95-111, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v15n1/v15n1a08.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- WERTHEIMER, M. Experimental studies on seeing motion. In SPILLMAN, L. (Ed.). **On perceived motion and figural organization**. Cambridge: The MIT Press, 2012. p. 1-91.